

A 4 de Abril de 1949, em Washington, era assinado o Tratado fundador da Aliança Atlântica. Este ano, no mesmo local simbólico da fundação, a Cimeira de Washington celebrou os cinquenta anos da Aliança. Não tivesse sido a crise no Kosovo e o conflito na Ex-Jugoslávia e esta teria sido uma Cimeira de consagração do Cinquentenário. De facto, durante a Guerra Fria, a Aliança assegurou a paz e ganhou a guerra. E no pós guerra, depois da queda do Muro de Berlim, do desmoronamento da União Soviética e das derivas pós-comunistas na Europa Central e de Leste, a NATO não só persiste a um ambiente internacional para o qual não fora criada como reforma as suas estruturas e se adapta a novas funções e desenha novas missões.

País fundador, Portugal mantém, nestes cinquenta anos de vida da Aliança uma presença constante e quase sempre empenhada. Esta presença de Portugal na NATO tem um duplo significado. Significa para a Aliança o contributo de uma pequena potência para a segurança na área euro-atlântica. Para Portugal teve e continua a ter um significado importante e consequências profundas quer sobre a política externa quer sobre a política de defesa e as Forças Armadas Portuguesas.

Ora, é esse, precisamente, o objectivo deste número que a Revista Nação e Defesa dedica ao Cinquentenário da Aliança Atlântica: procurar uma perspectiva destes cinquenta anos da presença portuguesa na NATO e das suas implicações para Portugal nos seus diferentes aspectos, político, diplomático e militar.